



## PRÁTICAS CORPORAIS DO BAIRRO-BALNEÁRIO CASSINO/RS: RASCUNHOS DE UMA INFÂMIA

Gustavo da Silva Freitas<sup>1</sup>  
Méiri Rosane Santos da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

*Este trabalho é recorte de pesquisa que vem tratando de construir as memórias das práticas corporais infames do bairro-balneário Cassino, localizado no litoral sul do Rio Grande do Sul, cidade de Rio Grande. Inventado no fim do séc. XIX por famílias nobres da região com o objetivo de divertimento e prazer à moda do que vinha acontecendo nas estações balneárias européias, o local tinha nas práticas corporais, formas de dar visibilidade a uma distinção social que se estendia pela arquitetura dos casarões construídos na avenida principal, pelas roupas utilizadas em público e pelos modos de conduta entre frequentadores do bairro-balneário. Seguindo na esteira de Nietzsche (2003) de que precisamos fazer uso do esquecimento como atividade intencional para que possamos produzir novas histórias, este primeiro movimento de pesquisa coloca em operação a possibilidade de se dizer quem são os infames a partir da voz do poder. Nesse sentido, apoiado no que Meihy e Holanda (2007) denominam de História Oral Temática, o presente trabalho vem apresentar esboços desta infâmia, principalmente no que se refere às primeiras décadas do séc. XX, utilizando uma entrevista como base para tal.*

**Palavras-Chave:** Práticas Corporais – Infame – Bairro

### ABSTRACT

*This study is part of a research that is trying to build memories of corporal practices infamous in a neighborhood-balneary Cassino located on the southern coast of South of the Rio Grande, Rio Grande city. Invented by the end of the century XIX, by noble families in the region, with the objective of fun and pleasure to the fashion of what was happening in the seaside towns in Europe, the place had in corporal bodily practices, ways of giving visibility to a social distinction that extended the architecture of houses built the main avenue, the clothes used in public and by the modes of conduct between the people that used to live in the neighborhood-balneary. Following the Nietzsche's thought (2003) we need to make use of forgetting as intentional activity that may produce new stories, this first movement of research puts into operation the ability to say who was infamous as the voice of power. In this sense, supported in Meihy and Holanda (2007) call Thematic Oral History, this study is to present a brief story of this infamy, especially with regard to the first decades of the century XX, using an interview as the basis for this study.*

<sup>1</sup> Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Doutorando em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande e do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).



**Keywords:** *Corporal Practices – Infamous – Neighborhood-balneary*

## RESUMEN

*Este trabajo es un recorte de pesquisa que trata de construir las memorias de las prácticas corporales infames del barrio-balneario Cassino, ubicado en el litoral sur del Rio Grande do Sul, ciudad de Rio Grande. Inventado en el final del siglo XIX por familias nobles de la región con objetivo de divertimento y placer a la moda que venía ocurriendo en las estaciones balnearias europeas, el local tenía en las prácticas corporales, formas de dar visibilidad a una distinción social que se extendía por la arquitectura de los casarones construidos en la avenida principal, por las ropas utilizadas en público y por las maneras de conducta entre los frequentadores del barrio-balneario. Siguiendo en la estera Nietzsche (2003) de que necesitamos hacer uso del olvido como actividad intencional para que posemos producir nuevas historias, en el primer momento de pesquisa pone en operación la posibilidad de decirse quienes son los infames partiendo de la voz del poder. En ese sentido, apoyado en lo que Meihy y Holanda (2007) nombran de Historia Oral Temática o presente trabajo viene presentar esbozos de esta infamia, principalmente en lo que trata a las primeras décadas del siglo XX, utilizando una entrevista como base para tal.*

**Palabras-clave:** *Prácticas corporales – Infame – Barrio*

## Abrindo o caderno de campo...

Há, em curso, um contínuo processo de consolidação dos estudos de memória como uma linha de intervenção e pesquisa universitária na área da Educação Física, com um forte interesse às práticas corporais e esportivas das cidades. A primeira década do séc. XXI mostrou que estes estudos vêm emergindo na área através de ações acadêmicas diversas, seja pela própria produção científica evidenciada em artigos e teses, pelo aparecimento de iniciativas de constituição de Acervos e Centros de Memória, ou ainda, pelo protagonismo do tema em eventos científicos e grupos de trabalho

No entanto, esta ação investigativa não precisa ter como foco a rigorosidade e linearidade histórica, mas estar atenta aquilo que é imprevisível, o comum, o cotidiano, as coisas que permitiram (e permitem) o aparecimento, a sustentação e o apagamento dessas práticas dentro de um determinado período histórico. Para tal, o trabalho vem apoiado na ideia nietzschiana de que o esquecimento é uma atividade tão ou mais útil para a história do que a ação de lembrar, que nada tem a ver com passividade ou inércia.

A todo agir liga-se um esquecer: assim como a vida de tudo que é orgânico diz respeito não apenas à luz, mas também à obscuridade. Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante ao que se obrigasse a abster-se de dormir ou ao animal que tivesse de viver apenas de ruminação e de ruminação sempre repetida. Portanto: é possível viver quase sem lembrança, sim, e viver feliz assim, como mostra o animal; mas é absolutamente impossível viver, em geral, sem esquecimento. Ou, para explicar-me ainda mais facilmente sobre meu tema: *há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e por fim sucumbe, seja ele um homem, um povo ou uma cultura.* (grifo do autor, 2003, p.9-10)



Na tentativa de “poder-esquecer” aquilo que já foi dito sobre o tema desse trabalho é que se abre a possibilidade do novo e não cristalização de uma verdade. É preciso, ao menos, desconfiar que existam histórias por serem contadas, vozes a serem ouvidas, outras verdades a serem produzidas para, em seguida, colocar em funcionamento uma “arte de ouvir” (PORTELLI, 1997).

Partindo da ideia de que a fala de uma pessoa pode estar encharcada pelo local em que a entrevista é realizada, Bom Meihy e Holanda (2007) afirmam que uma das primeiras condições que se deve tomar cuidado na lida da história oral é com o local em que a entrevista irá ocorrer. Portanto, às oito horas e trinta e dois minutos da manhã ensolarada do dia onze de abril de dois mil e onze, como agendado há uma semana e confirmado por telefone três dias antes, chego ao condomínio residencial do Sr. Valter Albrecht, um lugar de “conforto” para o depoente. Subindo às escadas que davam acesso ao primeiro andar do prédio, já percebia que o Sr. Valter estava à porta entreaberta, ereto, mãos para trás, trajato com calça e camisa social e uma pequena gravata com a marca do Lyons Club<sup>3</sup>. Sentamos à sala, perto da janela, ele em sua poltrona de frente para algumas fotos da sua família que estavam em um porta-retrato sob a televisão, e fui convidado a ocupar o sofá, ao seu lado.

[...] em vez de uma “roda” de ouvintes, a situação de entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face, mediados pelo emprego estratégico de um microfone. Em torno desse objeto os dois se olham. A ideia de que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positivista: durante todo tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/vista”, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo. (PORTELLI, 2010, p.20)

Para localizar, essa entrevista é a primeira de uma rede que se pretende formar numa pesquisa de doutorado em andamento que tem por objetivo construir parte das memórias das práticas corporais encontradas no bairro-balneário Cassino, sobretudo daqueles que podemos nomear, na esteira de Foucault (1996), de infames, sendo que nessa primeira operação, importa estabelecer o rosto desta infâmia. Cassino é um bairro-balneário localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul, especificamente na cidade de Rio Grande, inventado<sup>4</sup> por volta de 1890-1892.

5

GF: *É, e o Cassino tem esse nome justamente pelo...*

VA: *Por ser um casino de jogos, é.*

GF: *Porque não nasceu com esse nome, né?*

VA: *Não, nasceu como Vila Sequeira, era Vila Sequeira, cujo idealizador inicial era o Seu Antônio Cândido Sequeira.*

GF: *Que era? Ele era o que, o Sr. Antonio Cândido Siqueira?*

VA: *Eu acho que era comerciante, acho que era comerciante. Foi a Europa, viu lá as praias de banho do Mediterrâneo e achou de fazer uma coisa semelhante aqui, em 1890, perto do século 2000.* GF: *E depois, quando se criou a casa de jogos de azar,...*

VA: *Aí passou a ser conhecido como Casino.*

GF: *Com um "S" só?*

VA: *Com um "S" só.*

GF: *Hoje, Cassino é com...*

VA: *Dois "ss".*

que tem por missão

a: a invenção de um  
o planejamento da  
de lazer, a praia, é  
e a frequentavam.

constam a fala do  
o mesmo poderia ter  
OLANDA, 2007).



A particularidade do Cassino não ser *somente* um bairro, mas também um *balneário* propõe certos cuidados ao se pensar as questões de pertencimento da comunidade com este local. Isso porque se hoje ainda assistimos um movimento migratório para as residências de praia durante a temporada de veraneio, que, somados aos moradores do ano todo, preenchem o bairro, ao final do século XIX e início do XX, essa movimentação era restrita à temporada.

Já desde os meados do século XIX, vinham-se ampliando as estações balneárias em todo o litoral francês, onde chalés no estilo helvético eram construídos por ‘novos ricos’ ou ‘velhas famílias’. [...] e é, nesse espírito, que surge o balneário Cassino destinado ao lazer e aos prazeres e são construídas as primeiras residências de veraneio para famílias abastadas, estrangeiros, aristocracia rural e comercial gaúcha. (PEREIRA, 2005, p.29)

A construção de um balneário espelhado àquilo que vinha acontecendo na Europa, acrescido da particularidade de não ser um bairro de moradia fixa, mas temporária, e por seu afastamento significativo do centro da cidade<sup>6</sup> – o que poderia lhe caber a caracterização de periferia –, fez com que o local não fosse, a princípio, ocupado por qualquer cidadão.

A preocupação em definir o balneário como um lugar destinado às famílias “de sobrenome”, as quais construíram seus chalés ao longo da Avenida principal, era manifestado inclusive por algumas práticas da época.

VA: *Exatamente, só quem tinha uma possibilidade financeira de adquirir uma quadra inteira, porque as quadras do Cassino geralmente são com 50m de testada por 100m de fundo, então a pessoa que adquiria uma quadra, construía seu chalé ali na frente e nos fundos tinha...*

GF: *E adquiriam a quadra?*

VA: *Geralmente, geralmente as quadras inteiras.*

GF: *E eu li um outro trabalho sobre o Cassino, de algo que me chamou bastante atenção que muitos casarões, ou a maioria deles, apresentam grandes jardins na frente...*

VA: *Exato, exato...*

GF: *O do Bianchini tem um jardim na frente, o próprio Lawson tem um jardim do lado, na frente...*

VA: *E ao lado, no do Lawson, tinha a cancha de tênis, o Seu Eduardo Lawson gostava de jogar tênis, então ao lado da casa dele, tem um espaço grande onde era a quadra de tênis.*

realizada, segundo o  
no início da década



Pensando as práticas sociais na esfera do bairro, Pierre Mayol (1996) aponta a ingerência deste na produção de estilos de vida dos seus moradores, afirmando ser esta prática “[...] uma arte de conviver com parceiros (vizinhos e comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.” (p.39). A ocupação dos espaços do bairro vai definindo maneiras de se sentir pertencente a esse lugar, pois, “[...] o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido.” (p.40)

*GF: É, porque o Sr. falou dos casarões né...nós temos alguns casarões de famílias tradicionais, até hoje alguns casarões se mantêm...*

*VA: Alguns poucos*

*GF: Acho que o Lawson ainda se mantêm...*

*VA: O Lawson, o Pock...*

*GF: Dos charutos?*

*VA: Dos charutos Pock, é...meu pai, meu avô, Carlos Albrecht Senior era muito amigo do Seu Gustavo Pock Senior, o iniciador da fábrica de charutos Pock. E do Seu Gustavo que tinha firma de exportação de artigos da agropecuária e do Seu Carlos que também trabalhava com artigos da pecuária. Então eram os quatro alemães que todas as semanas se reuniam na casa de um ou de outro pra tomar as suas cervejinhas, contar as novidades da terra.*

Não só as práticas, mas as roupas, os modos de se comportar, as condutas, os objetos passam a configurar maneiras de pertencer a esse novo lugar. No entanto, essas formas de ocupar e estabelecer vínculos afetivos com o local em que se vive não são harmônicos se tomarmos as práticas sociais como resultantes de relações de poder<sup>7</sup>. Se, por um lado, parece impensável que uma camada “mais baixa” pudesse investir neste lugar pelas condições de possibilidade existentes,

*VA: [...] Nos domingos, o trem das duas da tarde que saía da cidade, uma hora mais ou menos, e voltava quatro e meia, cinco horas, esse ia cheio de operários, de empregadas domésticas, de...enfim, de gente mais humilde que só tinha o domingo de tarde livre pra ir até a praia. Então nós, que morávamos no Bolaxa nos domingos íamos depois do almoço para a estação, pra ver quantos vagões tinha vindo o trem naquele domingo de tarde. Então a gente fazia aposta entre nós crianças: "olha hoje são vinte vagões, hoje são vinte e dois, hoje são dezoito", né, as pessoas iam depois do almoço e retornavam ao fim da tarde.*

*GF: Sim, esses que trabalhavam na cidade e iam somente aos domingos e tinham um horário específico? O trem das duas horas era pra ele.*

*VA: Da tarde, da tarde, depois do almoço...geralmente almoçavam em casa e, depois do almoço pegavam o trem pra ir até a praia.*

em elas discursivas mesmo se exerce, é e forças, é evidente tento de cima para 4)



por outro, a elite aparece exercendo determinada territorialidade como efeito da presença dessa gente não famosa.

*GF: O senhor comentou, por exemplo, do tênis né? Que o senhor Eduardo Lawson fazia tênis ali, mas isso é que época mais ou menos, porque isso é mais adiante do que a década de 20...*

*VA: Não, não, ele, porque os ingleses gostavam muito do tênis. Era uma prática comum na Inglaterra e que tratavam de continuar essa prática aqui na América do Sul. Mas eu acho que não havia muitos outros tipos de ...não havia muitos outros tipos de práticas esportivas. O que havia isso sim, era na frente de cada, na frente de cada um desses casarões, mastros com a bandeira da nação originária do proprietário. Então, bandeiras alemãs, bandeiras inglesas, bandeiras portuguesas, bandeiras espanholas. Cada um gostava de botar nos domingos, principalmente nos domingos, de ornamentar a frente da sua casa com a bandeira do país de origem.*

Neto de alemães que chegaram de Hamburgo ao Brasil em 1870, o Sr. Valter Albrecht é nascido em 23 de outubro de 1918, tendo trabalhado como comerciante durante toda sua vida com serviços portuários, agência de navegação, recebedor e embarcador de mercadorias por conta dos terceiros e sofisticação de produtos de lavoura. Seu avô, Carlos Albrecht Senior, aos 18 anos de idade, se fixou em Rio Grande em meio à imigração alemã iniciada em 1825. Diz o depoente que, naquela época, o Rio Grande do Sul se ressentia de muitos produtos industrializados que não eram produzidos no Brasil e sim, na Alemanha. Dessa forma, Rio Grande passou a receber diversas firmas de Hamburgo sendo um canal de entrada de produtos embarcados direto daquele porto, como máquinas, ferramentas e tecidos. O seu avô, portanto, trabalhou no comércio, primeiro como empregado e mais tarde abrindo firma própria chamada Albrecht e Companhia especializada em tecidos e aviamentos, fornecendo materiais a todo Estado.

Chego à sala do apartamento do Sr. Valter para a realização da entrevista por indicação de um amigo que via nessa pessoa, um profundo conhecedor das coisas do Cassino com grande número de histórias em potencial. No entanto, a escolha em fazer dessa entrevista, como diria Bom Meihy &



Holanda (2007) o “ponto zero” foi, num primeiro momento, hesitante. Isto porque, como justificar que a origem da rede de depoentes que trataria de construir memórias infames respondesse a um nome, concordemos, com rastro?

O termo infame, conforme o pensou Foucault (1996), é utilizado para identificar sujeitos sem fama, “[...] *que no estuviesen dotados de ninguna de esas grandezas instituídas y valoradas – nacimiento, fortuna, santidad, heorismo o genialidad – , que perteneciesen a esos millones de existências destinadas a no dejar rastro [...]*” (p.124). No entanto, complementa o autor, só é possível falar dessas existências, mesmo que brevemente, porque de uma forma ou de outra elas tratam com o poder.

GF: *Por exemplo, a sua governanta, ela tinha a casa dela no Cassino..*

VA: *Não...morava conosco, dentro da própria casa. Agora, tinha o capataz e o peões, estes tinham residência à parte.*

GF: *Eles moravam aonde? Se concentravam aonde?*

VA: *No próprio, na própria chácara havia residência pra essa gente mais humilde.*

GF: *E isso se expandia a todos os casarões, todos os casarões tinham residências dentro da sua quadra?*

VA: *Isso, é, a residência oficial, o dono do imóvel e depois os empregados mais humildes, tinham as suas residências à parte.*

Diante desse entendimento, a infâmia que se quer nesse investigar trabalho terá um rosto a partir do momento que os corpos se encontram com o poder. Um rosto desenhado por dentro das relações, que mostra suas feições tanto pelos encontros quanto pelas diferenças.

Vasculhar o arquivo da história em busca da infâmia é, portanto, um procedimento *estrábico*: olha-se simultaneamente para os grandes relatos e para suas lacunas, para o discurso do vencedor e também para as micro-vozes que, como resíduos, são deixadas pelo caminho. A infâmia é uma temporalidade que, à revelia do tempo estabelecido pela cronologia e pela diacronia convencionada pela história, se instaura no discurso do saber, ativando um ruído de rebelião, de intensidade baixa e dispersa, mas constante. (2010, p.15-16)

Em Rio Grande, Sr. Valter teve sua formação escolar em colégio alemão que, afora as disciplinas de História do Brasil e Português, todas as outras eram dadas na língua germânica. Além da escola, participava de outros espaços sociais na cidade como a Igreja, a sociedade de ginástica, de canto, de tiro, pois estas se configuravam num intenso cenário associativo da colônia alemã no início do século XX.

Sua relação com o bairro-balneário se dá desde cedo, uma vez que seu pai era dono de uma chácara no Bolaxa – bairro próximo ao Cassino – onde passavam temporadas de seis meses, entre novembro e maio. Além de brincar na própria chácara, o passatempo era ir à praia (distante cinco quilômetros de sua chácara) e tomar banho de mar com seus irmãos acompanhados pela governanta da família, que também servia como uma espécie de enfermeira que cuidava de pequenos desconfortos na sua perna. Havia sempre uma preocupação em não perder a hora do trem, tanto nas idas para a praia, quanto no retorno deste para a cidade, como bem lembra o Sr. Valter:

VA: *E até uma coisa que muita gente se assusta hoje em dia com o aparecimento de bolotas de barro na beira da praia, naquela época já havia as tais bolotas de barro e essa enfermeira nos ensinava com essas bolotas a fazer bichinhos, objetos, enfim, já nessa época, 1922, 1923, a gente utilizava esse material como mão-de-obra para...*

GF: *Foi nessa época que o seu pai adquiriu a chácara, em 1922, ou antes disso?*

VA: *Não, o meu pai adquiriu um pouco antes, 1919 e ficou com ela até 1926, então praticamente a minha infância, se resumiu a esta estadia durante seis meses lá fora.[...]*

GF: *Você ia com a sua governanta sempre e os irmãos ou seus pais também acompanhavam, como é que era a rotina de ir pra praia? Tinha algum horário, quem*



A praia, aos poucos, vai passando de um “território do vazio” (CORBIN, 1989) que causava temor e repulsa pela vinculação do mar às grandes catástrofes bíblicas e literárias, para um lugar de admiração, contemplação e deleite que aliviaria as ansiedades e os desejos dos indivíduos. Segundo o autor, é pela noção de impotência da elite diante do vigor que o trabalho proporcionava às classes trabalhadoras que se inscreve, na Europa, a emergência do desejo das praias em meados do séc. XVIII. A praia como o lugar, e propriamente a prática do banho de mar seriam, portanto, indicativos de como a elite poderia revigorar suas forças, acalmar suas ansiedades, estancar a perda de energias vitais, corrigir os males da civilização.

O banhista delicia-se ao experimentar as forças imensas do oceano. O banho nas ondas participa da estética do sublime: implica enfrentar a água violenta, mas sem riscos; gozar do simulacro de ser engolido; receber a vergastada onda, mas sem perder o pé. Daí os cuidados da salvaguarda. A precisão da prescrição médica, os serviços do “banhista auxiliar”, a companhia, um leito de mar de areia dura cujo declive seja cuidadosamente reconhecido, ajudam a aliviar o perigo para que subsista apenas a emoção. (Ibid, p.85)

Associado a fins terapêuticos de uma pureza que limpa o corpo e o espírito, o mar, ainda que indomável, é reconhecido como aquele que produz esperança para uma elite acuada em suas neuroses. A imersão do corpo no mar gélido traria alguns benefícios sejam eles relacionados ao resfriamento das paixões do sexo, ao impedimento da efeminação dos homens pouco viris, à fuga do calor das cidades, ao bloqueio do exercício demasiado do pensamento, ou à possibilidade da longevidade.



A invenção da praia como o lugar de uma nova cena social decorre da disposição do tempo e arranjo do espaço empregado para tal, os quais permitem a organização dos modos de se estar à beira-mar (Ibid., p.256).

*VA: E o mais cedo possível pra não apanhar muito sol. Se hoje as pessoas querem ficar com a pele bem morena pelo sol, naquela época era o contrário, queriam ficar o mais brancos possíveis. Então tomava um banho bem cedo para não ser muito afetado pelos raios do sol.*

*GF: Então a frequência na praia era mais em horários em que não tinha muito sol?*

*VA: Exatamente, quanto mais cedo melhor. E entre o hotel Atlântico e a praia havia o burrinho de bondes, o bonde de burrinhos pra conforto das pessoas pra não terem que caminhar desde lá o hotel até a praia tinha um bonde puxado por burros. E eu lembro uma ocasião que o diabo do burro não queria sair do lugar e não havia chicote, nem puxão, o burro não queria sair do lugar. Então que que o motorista, digamos assim, fez? Acendeu uma lareira embaixo da barriga do bicho. Então quando ele sentiu aquele calor, tocou adiante... (pega uma sacola colocada ao lado da sua poltrona e retira alguns papéis) eu acho que aqui deve ter uma fotografia do bonde de burros. Olha aqui a maneira como as pessoas iam pra praia (mostra uma foto com homens de terno e mulheres com vestidos longos e armados)...vestidos a rigor praticamente, pra depois irem lá trocarem a vestimenta.*

*GF: Elas estão de ternos, os homens estão de ternos...*

*VA: Como não, é. Aqui (diz encontrando uma foto do bonde de burros), aqui tá o bonde burros. Aí eles faziam o percurso do hotel até a beira da praia e a pessoa pagava 200 réis, digamos assim, na época pela passagem pra ir até a beira da praia no bondinho este.*

Nota-se, durante esta lembrança, dois referentes interessantes no trabalho com história oral. O primeiro dialoga com Portelli (2004), quando este diz que, em alguns casos, o narrador pode estar mais interessado em projetar uma imagem, se vestindo para a entrevista, pois há momentos em que o Sr. Valter faz uso de recortes de jornais, de revistas, de um livro, para acompanhar a sua fala e, de certa forma, ativar outras memórias. Este material era retirado de dentro de uma sacola plástica que, desde a chegada ao local da entrevista, se encontrava ao lado de sua poltrona e que saltou para a mesa de centro da sala por duas ou três vezes. Esta atitude, somada aos detalhes da roupa do depoente (gravata do Lions Clube) e a disposição do local da entrevista (proximidade das fotos da família) dão um tom de que o depoente parece ter se preparado para a entrevista e, acima de tudo, deixar claro com quem o entrevistador está falando.

Estendendo o diálogo com o mesmo autor, é possível localizar o segundo referente neste trecho quando o depoente lança mão da comparação entre o que as pessoas pretendiam do sol “naquela época” e “hoje”. A utilização dessas expressões faz parte de um movimento de vai-e-volta entre o presente e o passado que é recorrente em depoimentos e que Portelli (2004, p.302) vai chamar de “movimento



lançadeira”<sup>8</sup>. Esta forma de lidar com o tempo se fez presente em outros momentos da entrevista, dessa vez quando traz a lembrança de sua esposa:

*VA: A minha, a minha moradia hoje em dia é aqui na avenida (nesse momento ele pega um mapa do Cassino para me mostrar onde fica a sua casa) aqui na rua Bahia, desculpe, na rua Bahia aqui entre Porto Alegre e Gravataí. Quando a gente olhava daqui pra frente a minha mulher, era de Jaguarão, o pai dela tinha estância. Quando a gente olhava daqui rumo à barra, a Maria Carolina dizia: "parece que eu estou na estância" de tanto campo... grama, parece que estou na estância, hoje tá tudo construído, tudo totalmente, praticamente o Cassino não tem mais terreno vago. Então, expandiu muito o Cassino, mas na minha época, na minha infância, era praticamente a avenida e talvez uma ou duas quadras adjacentes.*

Ruas Bahia, Porto Alegre, Gravataí, cidade de Jaguarão, localidade da barra, lugares que, se não são estranhos aos ouvidos de ambos participantes da entrevista, assim podem o ser para o leitor porque este não os conhece. No entanto, o que parece interessar no relato está mais ligado à percepção da velocidade da passagem do tempo e das mudanças ocorridas no Cassino, do que propriamente onde se localizam. Passagens estas observadas nos mais de oitenta anos vividos no local, em meio a um nomadismo de moradas desde 1926. Isto porque, a chácara em que passou a infância foi vendida para que seu pai pudesse honrar compromissos de trabalho, uma vez que o negócio que mantinha como comerciante começou a declinar. Desde então, até meados de 1956, 1957 quando compra a própria casa no bairro-balneário, Sr. Valter e família passam a morar em casas alugadas nas temporadas, usufruindo do Cassino também pela prática dos piqueniques aos finais de semana.

Os piqueniques de domingo aconteciam na zona da barra, distante aproximadamente sete quilômetros da centralidade do Cassino. Na década de 60, algumas famílias pegavam seus carros e se deslocavam para os grandes bosques de eucaliptos e pinheiros daquela região. O acesso ao local se dava por uma segunda estrada que ligou a cidade ao balneário chegando diretamente aos Molhes da Barra, e que concentra grande número de empresas para movimentação portuária.

Da mesma forma que podemos notar certa “fuga” de algumas famílias para os piqueniques na zona da barra, há também um deslocamento pontual para a zona da Querência, que fica na direção oposta. Lembro, junto com o Sr. Valter, da tentativa de criar um loteamento chamado Stella Maris nesse local num tempo em que um maior número de pessoas tinha acesso ao Cassino, tanto para morar quanto para usufruir aos finais de semana.

*GF: O Cassino, portanto, passa a estar mais habitado, vamos dizer assim.*

*VA: Ah, certo, exatamente, mais gente podia vir.*

*GF: E aí, eu não sei em que época foi, não me recordo agora, houve uma tentativa, um movimento de se criar um balneário do Stella Maris.*

*VA: Sim.*

*GF: Isso em que época é? Stella Maris.*

*VA: Não era bem Stella Maris, era Querência. Aí foram os paulistas que quiseram explorar o jogo, então fizeram o Hotel Querência, que deveria ser uma sala de roletas enfim, de jogos de azar. Mas nessa época, que foi em 46, quando o presidente Dutra resolveu terminar com o jogo no Brasil. Então, Querência nunca chegou a funcionar.*

*GF: Mas existe, até hoje, o Balneário Stella Maris, não?*

*VA: Sim, exato.*

*GF: E fica próximo ali.*

*VA: É porque o Stella Maris era tanto do Seu Louro Costa, do Sr. Pedro Lourival da*

templo, o de “uma  
ado.” (PORTELLI,



Nesse momento, a narrativa permite suspeitar que as migrações ocorridas tanto por um sentido de (re)planejamento na tentativa de criar um novo balneário, quanto àquelas de breves incursões aos domingos de piquenique em lugares de difícil acesso, foram ativadas por uma vontade de distinção. Isto porque não só a praia, mas também a própria circularidade no bairro-balneário não parece garantir à elite as mesmas condições e objetivos quando da sua invenção.



O processo de distribuição dos espaços, a ampliação da mobilidade<sup>9</sup> entre o centro e o Cassino e a urbanização do bairro-balneário são acontecimentos, no sentido foucaultiano do termo, para que se pense a territorialidade do Cassino em disputa. Para o autor, antes de serem compreendidos pelo jogo de causa e efeito de sentido uniformes, a história busca os acontecimentos para alargá-los, para tomá-los naquilo que tem de mais superficial e de mais profundo, capaz de ser tanto numeroso e substituível quanto raro e decisivo.

Claro que o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Mas, mesmo assim, de modo nenhum o acontecimento é imaterial; é sempre ao nível da materialidade que ele adquire efeito, que ele é efeito; e consiste, tem o seu lugar, na relação, na coexistência, na dispersão, no recorte, na acumulação, na seleção de elementos materiais; o acontecimento não é nem o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de uma dispersão material, e produz-se numa dispersão material. (FOUCAULT, 1998, p.25)

Mais do que um evento em particular, como seria a ida à lanchonete ou ao bosque, o acontecimento se inscreve dentro uma ou mais séries que se entrecruzam num tempo intempestivo, cujas análises se detêm sobre as condições do seu aparecimento. Se as ruas do balneário e os salões construídos como parte do complexo do Hotel Atlântico<sup>10</sup> para as solenidades, bailes, apresentações artísticas e jantares de homens e mulheres da elite não dão mais conta de assegurar práticas de distinção no espaço social do Cassino, é porque a ocupação desse lugar responde a outras condições de possibilidade não sentidas até então.

A presença de uma infâmia faz parte das memórias do Sr. Valter, ainda que não muito bem definida naquilo que faziam ou por onde transitavam:

*GF: Eu fico imaginando, eu fico pensando, se existiam esses lugares pra essas pessoas...eu fico imaginando se existiam outros lugares, por exemplo, pro "motorista" do burro que o senhor estava brincando chamando de motorista, certo. Porque acredito que existiam pessoas no Cassino pra trabalhar puxando o burro, pra trabalhar na construção dos casarões, pra trabalhar como governantas.*

*VA: Sim....tinha gente mais modesta.*

*GF: Eu fico curioso se existiam outros espaços para essas pessoas ou como é que elas se relacionavam com a grande sociedade porque afinal de contas estavam no mesmo ambiente, no Cassino. O Sr...*

*VA: Olha, eu não tenho ideia de como é que havia esse convívio social dessa classe mais baixa porque na época não convivia com esse tipo de gente. Mas imagino que deve ter havido locais onde eles se reuniam onde trocavam ideias, onde se divertiam.*

*GF: Por exemplo, na praia vocês conseguiam enxergavam esse tipo de pessoa ou ele nem apareciam na praia, na praia em si?*

*VA: Muito pouco, muito pouco apareciam.*

estrada de terra  
0, trens e ônibus

funcionaram simultaneamente, até o governo Brizola extinguir o uso da ferrovia.

<sup>10</sup> O Hotel Atlântico, existente até os dias de hoje, foi construído pela própria empresa que arrendou o balneário e obteve o direito de explorar a linha de trem que ligava o centro da cidade ao balneário, a Carris. O Hotel fazia parte da Sociedade Balneária Atlântica que compreendia o hotel, os salões e um conjunto de casas, chamada de "Quadra" que as pessoas menos afortunadas em comparação aos mais poderosos, explica o depoente, podiam alugar nas temporadas.



Talvez a memória, neste caso, não tenha falhado, mas sendo composta pelo próprio esquecimento, pela resistência e opção por uma linha de condução da história do Cassino. Sem ser definitivo, é possível dizer que a seleção do que foi lembrado e esquecido, nesse caso, independia se a entrevista tivesse acontecido alguns anos antes ou num outro momento. A memória, aqui, está dando ao depoente uma identificação, um lugar de fala, uma ponta do que viveu e ainda vive.

A não lembrança das práticas e espaços próprios dos infames pode sugerir também àquilo que Candau (2002) infere no quinto capítulo da obra *Antropologia de La Memoria*: enquanto que, aquilo que se lembra está mais próximo de uma memória individual<sup>11</sup> que compõe a memória social, o que se esquece, faz parte de uma memória coletiva.

Nesse entendimento, a entrevista do Sr. Valter é única, singular ao ponto de que, se o retirarmos da pesquisa, suas memórias o acompanham. Ao contrário, sua permanência se dá pela potencial diferença de discurso em relação ao do infame, algo que Bom Meihy & Holanda (2007) apontam como saudável para a pluralidade de uma rede, “[...] porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas ou olhares diferentes que justificam comportamentos variados dentro de um mesmo plano.” (p. 54).

Por fim, é preciso dizer que investir na construção das memórias culturais, esportivas, corporais, pertencentes a uma determinada cidade, região ou bairro, significa antes de tudo apostar em uma possibilidade de fortalecer os laços afetivos e de pertencimento desta comunidade com as positivities<sup>12</sup> do seu cotidiano. As práticas corporais e as memórias apresentam essa positividade na medida em que os saberes e conhecimentos produzidos endereçam, aos corpos dos indivíduos, processos de subjetivação. Por serem produzidos por práticas sociais – discursivas ou não discursivas – que dele falam, os saberes educam e pedagogizam os corpos a partir dos fundamentos da ciência moderna, ainda que esses mesmos saberes, vai dizer Foucault (1995), escapem do domínio científico e estejam contidos também em ficções, narrativas, em decisões políticas, em regulamentos institucionais.

Em suma, mais do que datas históricas, esta pesquisa está direcionada às singularidades socioculturais presentes nas manifestações das práticas corporais de um bairro da cidade do Rio Grande, sobretudo as de laços infames. Os vínculos dessa pesquisa com a sociedade se mostram bastante férteis, principalmente pelo forte interesse e legitimidade cultural que alcançaram as práticas corporais e esportivas. Neste âmbito, as memórias servem também como uma referência para registrar e organizar essas práticas, delegando um espaço privilegiado para as experiências da cidade e, especificamente, do bairro-balneário Cassino.

## Referências

<sup>11</sup> Segundo Portelli (1997), “A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais (1997).”

<sup>12</sup> Diferenciando-se da concepção positivista (racionalismo) do pensamento, positividade é aqui entendida na perspectiva foucaultiana que trata o conceito de saber e a sua produção a partir da própria ordem interna. O saber em sua positividade toma por referência ele mesmo, numa relação direta com a produtividade do poder. Para mais, ver Foucault (1990).



BOM MEIHY, José & HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

CANDAU, Joel. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ENKE, Rebecca Guimarães. *Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)*. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo – Fevereiro, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18.ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *La vida de Los Hombres Infames*. In: \_\_\_\_\_. *La vida de los hombres infames*. Colección Caronte Ensayos. La Plata: Acme S.A.C.I., 1996. p. 121-138.

KLEIN, Kelvin Falcão. Histórias da Infância: De Borges à Foucault. *Anuário de literatura*, ISSN: 2175-7917, vol. 15, n. 1, 2010, p. 192.

MAYOL, P. Morar. In CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

NIETZSCHE, Friederich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PEREIRA, Célia Maria. *Memórias de um balneário: patrimônio edificado do Cassino*. 2.ed. Rio Grande: SALISGRAF, 2005.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral* [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. “O Momento da Minha Vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, D.R. et al (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004. p. 296-313

\_\_\_\_\_. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História* (15). Ética e História Oral. PUC-SP, abril, 1997.

**Gustavo da Silva Freitas**

**e-mail:** [gsf78\\_ef@hotmail.com](mailto:gsf78_ef@hotmail.com)

**Endereço:** Caixa Postal 474 CEP 96201-900  
Rio Grande - RS - Brasil

Campus Cidade  
Rua Eng. Alfredo Huch, 475